

## A CAPACIDADE DOS JUDEUS E CRISTÃOS ATUAIS TORNAREM-SE LIVRES

*Autor: Bruno Bauer<sup>i</sup>*

*Tradução por: Douglas Rafael Dias Martins<sup>ii</sup>*

*Revisão e notas: Diego Baptista<sup>iii</sup>*

A questão da emancipação é universal: tanto judeus como cristãos querem ser emancipados. Pelo menos a história, cuja meta final é a liberdade, tem de e irá trabalhar para que ambos, judeus e cristãos, convirjam no anseio e na aspiração pela emancipação, já que não há diferença entre os dois, e diante da verdadeira essência [*Wesen*] do homem, diante da liberdade, ambos têm de se confessar igualmente como escravos. O judeu é circuncidado e o cristão é batizado não para que ambos vejam sua essência na humanidade, mas sim para que renunciem à humanidade e se confessem servos de um ser [*Wesen*] estranho e o exibam por toda a vida, em todas as ocasiões.

Quando dizemos que ambos devem convergir e se unificar no anseio por emancipação, não queremos com isto expressar o lugar comum de que a força unida é maior que a dispersa, e ainda muito menos a afirmação de que os movimentos e discussões que o anseio dos judeus por emancipação ocasionou teriam servido para despertar também nos cristãos o anseio por liberdade, ou ainda, que os cristãos poderiam ou deveriam contar com a agitação e a ajuda dos judeus se eles se fizessem dignos e quisessem se libertar da tutela sob a qual eles viveram até agora; com isso queremos única e simplesmente dizer, isto sim, que a obra da emancipação, mas a emancipação como tal, a emancipação em termos gerais, só é possível – e decerto terá sido concretizada – quando for universalmente reconhecido que a essência do homem não é a circuncisão ou o batismo, mas sim a liberdade.

---

<sup>i</sup> Bruno Bauer: *Die Fähigkeit der heutigen Juden und Christen, frei zu sein*. In: Georg Herwegh (hg.): *Einundzwanzig Bogen aus der Schweiz*, Zürich; Winterthur 1843: 56-71. Tomou-se por fonte diretamente o facsímile da publicação original (disponível em <http://mdz-nbn-resolving.de/urn:nbn:de:bvb:12-bsb10611416-6>) cuja respectiva paginação está indicada entre barras. As notas acrescentadas são indicadas entre colchetes e remetem ao final

<sup>ii</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Universidade Estadual Paulista – “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E-mail: douglas\_\_martins@hotmail.com (2underlines).

<sup>iii</sup> Freie Universität Berlin. Bacharel em Filosofia (USP) e Doutor em Sociologia (UNICAMP).

Nós pretendemos neste momento investigar, isto sim, em quais relações encontram-se os judeus para com a meta final que a história começa a pôr com a determinação [*Entschiedenheit*] do “ou isto ou aquilo”, quer dizer, por conseguinte, /57/ do “agora ou nunca”; investigar se eles contribuíram para a que história tomasse coragem para esta determinação, se eles estão mais próximos da liberdade do que os cristãos ou se lhes deve ser ainda mais difícil que àqueles tornarem-se homens livres e aptos para a vida neste mundo e no Estado.

Se os judeus invocam a excelência de sua doutrina moral religiosa, isto é, da sua lei revelada, para provar que são capazes de se tornar bons cidadãos e teriam direito de participar em todos os assuntos públicos do Estado, então para o crítico esse anseio de liberdade não tem outro significado que o anseio do negro por tornar-se branco, ou ainda um significado inferior: é o anseio de permanecer não-livre [*unfrei*]. Quem quer saber do Judeu enquanto Judeu emancipado não apenas aferra-se ao mesmo esforço inútil como se quisesse lavar um negro até deixá-lo branco como também, em sua tortura inútil, se ilude a si mesmo: pensando ensaboar o negro, lava-o com uma esponja seca. Ele sequer chega a molhá-lo.

Pois bem! – se diz, e o próprio judeu também o diz – o judeu não deve ser emancipado enquanto judeu, não porque ele é judeu, não porque ele tem um princípio universal-humano tão excelso de moralidade, senão que o próprio judeu se retirará para trás do cidadão e será cidadão, embora seja judeu e queira continuar sendo judeu; isto é, ele é e continua sendo judeu, embora seja um cidadão e viva nas relações universal-humanas: sua essência judaica e limitada acaba sempre prevalecendo sobre suas obrigações humanas e políticas. O preconceito permanece, embora seja desbancado [*überflügeln*] pelos princípios universais. Mas, se ele permanece, então a rigor desbanca todo o resto.

Apenas sofisticamente, na aparência, poderia o judeu continuar sendo judeu na vida estatal; se ele quisesse continuar sendo judeu, a mera aparência seria então o essencial e prevaleceria, isto é, sua vida no Estado seria apenas uma aparência ou uma exceção momentânea em relação à essência e à regra.

Os judeus alegaram, por exemplo, que sua lei não os impedira, durante as guerras de libertação<sup>[1]</sup>, de prestar os mesmos serviços junto aos cristãos e de lutar inclusive no shabat<sup>[2]</sup>. É verdade que apesar de sua lei eles prestaram serviços militares e lutaram; aliás sua sinagoga e o rabino deram-lhes permissão expressa para se submeterem a todas as obrigações do serviço militar mesmo que elas entrassem em

contradição com os mandamentos da lei; mas com isso fica também explícito que o trabalho ou o sacrifício para o Estado no shabat, /58/ desta feita, só foi autorizado excepcionalmente, e a sinagoga e esses rabinos, que haviam dado autorização excepcional neste caso, estão no fundo acima do Estado, o qual recebe nesta oportunidade apenas uma benesse precária que, segundo a suprema lei divina, em verdade não poderia ter sido concedida a ele.

Um serviço que é prestado ao Estado com uma consciência a qual deveria ver nisto, propriamente, um pecado, e neste caso não vê nenhum só porque o rabino deu dispensa e disse – o que ele não precisa dizer novamente, pois na verdade nunca poderia ter dito – que desta vez não seria pecado prestar este serviço: um tal serviço é imoral, pois a consciência o desautoriza [*desavouieren*]; é precário, pois a lei o proíbe, e portanto a qualquer momento pode proibí-lo de fato, e portanto também teria de ser desautorizado em toda coletividade moral. Somente uma época que não tem clareza sobre si mesma pode fazê-lo passar por algo especial: uma época que enfim novamente conheça e queira ter homens por inteiro e plenos irá rejeitá-lo como uma desmesurada hipocrisia; e aqueles que o enaltecem tanto, se eles não querem se convencer da vacuidade da sua causa, só podem despertar pena enquanto desafortunados resquílios e vítimas de um passado interiormente falso por completo.

Ora, o que os judeus fizeram para se alçar acima de um ponto de vista que lhes torna a hipocrisia necessária, para transpor o abismo que os separa do acesso ao ápice da humanidade verdadeira e livre? Nada fizeram para isso enquanto quiseram permanecer judeus, acreditando que poderiam, como tais, se tornar homens livres.

Como eles reagiram às críticas que os cristãos dirigiram à religião em geral a fim de libertar a humanidade da mais perigosa autoilusão, do erro primordial? Eles julgaram que essa luta concernia apenas ao cristianismo, e posto que eles pensavam apenas no sofrimento e no tormento que o domínio do Evangelho havia lhes causado, vibraram imensamente quando a crítica – desde Lessing, isto é, desde que começaram a ouvir falar de seus feitos – atingiu o cristianismo. Eles estavam tão limitados, que em seu prazer sórdido [*Schadenfreude*] não percebiam que quando o cristianismo, o judaísmo consumado, cai, deve cair através de sua religião; ainda agora eles não sabem o que está se passando ao seu redor nesse momento; eles são tão apáticos e indiferentes frente ao problema geral da religião e da humanidade, que nada fazem contra a crítica, e estão tão servilmente embaraçados [*befangen*] na ilusão religiosa que nunca militaram nos exércitos que /59/ campearam contra a hierarquia e a religião. Nenhum judeu deu

qualquer contribuição decisiva para a crítica, e nenhum alguma contra. Os fanáticos cristãos que conjuram o céu e a terra contra a crítica são figuras mais humanas do que o judeu que simplesmente se regozija quando ouve à distância que o cristianismo foi novamente atingido, e a oposição daqueles contra a crítica prova que no fundo eles mesmos estão engajados nela, ainda que de modo tenso; eles acreditam que devem lutar contra ela pois sentem que nessa luta se trata da causa da humanidade; o judeu, contudo, crê estar protegido em seu egoísmo, pensa apenas em seu inimigo, o cristianismo, e contudo nunca realizou nada de resolutivo contra ele.

Ele não pôde fazer nada contra o cristianismo pois lhe faltava a força criadora que é preciso para essa luta. Somente consegue lutar contra a religião consumada um poder capaz de pôr em seu lugar o reconhecimento do homem verdadeiro e pleno. Somente ele mesmo pode lutar contra o cristianismo, pois este contém o conceito universal da essência humana, portanto seu próprio inimigo, ainda que em forma religiosa. O judaísmo fez não do homem pleno (a autoconsciência desenvolvida, isto é, o espírito, que em nada mais vê uma barreira que lhe tolhe) o conteúdo da religião, mas sim a consciência constrangida [*befangen*] que ainda luta com sua barreira, e sobretudo meramente uma barreira sensível, natural. O cristianismo diz: o homem é Tudo, é Deus, é o Onipresente e Onipotente, e expressa essa verdade tão somente em termos religiosos quando diz: apenas o Uno, Cristo, é o homem que é Tudo. O judaísmo, contudo, satisfaz apenas o homem que sempre tem a ver com um mundo exterior, com a natureza, e satisfaz precisamente na forma religiosa sua carência quando diz que o mundo exterior está submetido à consciência, isto é, que Deus criou o mundo. O cristianismo satisfaz o homem que quer ver-se novamente no Todo, na essência universal de todas as coisas, – expresso em termos religiosos – também em Deus; o judaísmo satisfaz apenas o homem que quer se ver independente da natureza.

Portanto, a luta contra o cristianismo só foi possível pelo lado cristão pois ele mesmo, e tão somente ele, concebera o homem, a consciência, como a essência de todas as coisas, e assim lhe importava apenas essa noção religiosa do homem, uma noção que na verdade aniquilou toda a humanidade, porque segundo ela somente o Uno é Tudo. O judeu, em contrapartida, estava muito ocupado com a satisfação de sua carência ainda natural (a qual tornava-lhe obrigação seus afazeres religiosos sensíveis, suas abluções e purificações, sua seleção e purificação religiosa /60/ da comida diária) para que pudesse pensar no que é o homem em geral. Ele não podia lutar contra o cristianismo, porque ele nem mesmo sabia no que importava essa luta.

Toda religião está necessariamente conectada com hipocrisia e jesuitismo<sup>[3]</sup>: ela ordena ao homem que contemple como objeto de adoração, como algo estranho, aquilo que ele na verdade é, fazendo, portanto, como se ele não fosse nada daquilo, isto é, não fosse nada em si mesmo; mas a humanidade não pode ser completamente reprimida e procura, pois, afirmar-se às custas do objeto adorado, o qual, no entanto, ainda deve perdurar subsistindo em sua afirmação [*Geltung*].

Mas de acordo com o que acaba de ser dito sobre o conteúdo de ambas as religiões, quão diferentes devem ser o cristão e o judeu, tanto mais o jesuitismo judaico do presente!

O jesuitismo cristão é um feito humano universal e ajudou a engendrar a liberdade atual; o jesuitismo judaico, que existiu ao lado do cristianismo, é desde o princípio tacanho, sem quaisquer consequências para a história e para a humanidade em geral, e somente o capricho de uma seita que vive à margem.

O judeu vê na religião a satisfação de sua carência e a liberdade em relação à natureza; no shabat sua intuição [*Anschauung*] religiosa também deve se tornar uma ação, ou, sua liberdade e abjunção [*Abgezogenheit*] em relação à natureza devem chegar à intuição real: mas já que suas carências não são contudo verdadeiramente satisfeitas na religião, e assim elas também o incomodam no shabat, então a vida real, prosaica repleta de carências, e a vida ideal, na qual ele não deveria mais se preocupar com a satisfação de suas carências, entram em contradição, deste modo ele deve urdir os meios e saídas para satisfazer suas carências sem ferir a aparência de que ele está seguindo a lei, isto é, de que é superior às carências. O jesuitismo judaico é o mero ardil do egoísmo sensível, esperteza vulgar, hipocrisia bruta e grosseira, e tudo isso porque ele lida sempre com necessidades bastante naturais e sensíveis. Ele é tão grosseiro e repugnante, que somente podemos nos afastar dele com nojo, mas não debatê-lo seriamente. Quando, por exemplo, no shabat o judeu tem sua lamparina acesa por um criado cristão ou um vizinho e fica satisfeito que ele mesmo não o tenha feito, embora sua claridade beneficie apenas a ele; quando ele, para não congelar, faz com que a sala seja aquecida por um serviçal alheio, embora o mandamento divino que não permite acender fogo no shabat simplesmente devesse protegê-lo do frio e do congelamento; /61/ quando ele pensa não transgredir a lei do shabat enquanto se contenta apenas com transações passivas na bolsa, como se ele não as ativasse quando vai à bolsa para se deparar com elas e afinal se envolver nelas; finalmente, quando ele tem colaboradores e corretores cristãos que no shabat conduzem os negócios para ele, como se o trabalho

deles não beneficiasse sua firma e seus bolsos – isso é uma hipocrisia contra a qual uma pessoa decente não é sequer capaz de lutar francamente.

Mas se o cristão concebe o conceito de espírito e a autoconsciência de modo religioso, sendo portanto obrigado a concebê-lo de maneira distorcida e a autoconsciência real reage contra essa distorção sem poder superá-la [*aufheben*], então o jesuitismo resultante é algo completamente diferente, então um combate científico não apenas é possível como também necessário, sendo mesmo o pressuposto para o nascimento e o raio da liberdade humana suprema.

O jesuitismo judaico é o ardil com o qual se satisfaz a carência a mais sensível, pois ela não pode ter o suficiente na satisfação simulada e legalmente ordenada. Ele é apenas astúcia animal. O jesuitismo cristão, em contrapartida, é o trabalho pesado [*Höllendarbeit*] teórico do espírito em luta por sua liberdade, o combate da liberdade real contra a liberdade adulterada, fingida, isto é, contra a não-liberdade [*Unfreiheit*]; um combate no qual amiúde a liberdade efetiva combatente degrada-se a si mesma em não-liberdade enquanto ela combate, até porque ainda combate em termos religiosos e teológicos; mas este jogo terrível e cruel acaba todavia despertando a humanidade e a incita a conquistar seriamente a sua liberdade real.

Mesmo o jesuitismo propriamente, o jesuitismo da ordem eclesiástica, consistiu numa luta contra as normas religiosas, o escárnio da frivolidade, um feito do esclarecimento, e só era repugnante e até mesmo vil porque o esclarecimento e a frivolidade se manifestavam de forma puramente eclesiástica e não de forma humana livre.

Quando o casuísta judeu, o rabino, pergunta se é permitido comer o ovo que a galinha botou no shabat, isso é a simples tolice e a consequência infame do embaraço religioso.

Quando escolásticos, em comparação, perguntavam se Deus, do mesmo modo como ele se fez homem no ventre da Virgem, também poderia ter sido, por exemplo, uma abóbora<sup>[4]</sup>; quando luteranos e reformados discutem se o Deus-homem poderia estar presente em todos os lugares ao mesmo tempo, isso é por certo ridículo, mas somente porque consistia na disputa sobre o panteísmo em sua forma religiosa e eclesiástica.

/62/ Por isso, os cristãos encontram-se em um nível mais elevado, pois desenvolveram jesuitismo religioso, essa não-liberdade que se autoestrangula, até o ponto em tudo está em jogo, em que a não-liberdade tudo abarca e a liberdade e a

sinceridade tem de ser a consequência necessária de sua tirania. Os judeus encontram-se muito abaixo desse nível de hipocrisia religiosa, e portanto muito abaixo dessa possibilidade da liberdade.

O cristianismo surgiu quando, numa hora de fraqueza, o espírito masculino da filosofia grega e formação [*Bildung*] clássica se promiscuiu com o lascivo [*brünstig*] judaísmo. O judaísmo que permaneceu judaísmo esqueceu-se desse cruzamento e do enlace amoroso depois de nascidos seus frutos. Ele sequer se dignou a reconhecer seus frutos. Em contraposição, o judaísmo que guardou na memória e afetivamente a esplêndida figura da filosofia profana e secular, nunca pôde esquecê-la e sempre carregou no pensamento a bela forma humana do tipo [*Kerl*] profano, até que isso se esvaiu da memória em seu lugar ressurgiu a filosofia real – este judaísmo morto por seu amor e mescla pagãos é o cristianismo.

O fato de que no cristianismo a inumanidade foi levada mais longe do que em qualquer outra religião, chegando mesmo ao seu auge, advém disto, e só por isto foi possível: porque ele concebera o mais ilimitado conceito de humanidade e apenas teve de fazer da essência humana inumana, distorcê-la e adulterá-la em sua versão religiosa. No judaísmo, a inumanidade ainda não foi levada tão longe; o judeu como judeu tem, por exemplo, a obrigação religiosa de pertencer à família, à tribo, à nação, isto é, de dedicar-se a determinados interesses humanos; mas este mérito é somente aparente e somente baseado na falha de que o homem em sua essência universal, a saber, o homem que é mais do que o mero membro da família, da tribo ou da nação, ainda não era conhecido do judaísmo.

O esclarecimento, por isso, tem sua verdadeira sede no cristianismo. Aqui ele pode deitar as raízes mais profundas, aqui ele é decisivo, e na verdade – após os gregos e os romanos também terem tido seu esclarecimento, porém por meio da dissolução de sua religião apenas podiam dar ocasião para o nascimento de uma nova religião – ele é decisivo para todos os tempos, para toda a humanidade. O esclarecimento dos gregos e romanos só podia derrubar uma religião determinada, ainda incompleta, isto é, que não era ainda inteiramente religião e com efeito ainda estava mesclada com interesses políticos, patrióticos, artísticos e, por assim dizer, humanos. O cristianismo é religião consumada, pura, nada além de religião; /63/ o esclarecimento que ele engendrou e pelo qual ele é derrubado decide, assim, o problema da religião e da humanidade em geral. Mas a partir de ambas razões, que na verdade são apenas uma única razão, esse

esclarecimento decisivo tinha de se produzir, pois ele é o ápice da inumanidade e da noção religiosa da humanidade pura, ilimitada e onímoda.

Pela mesma razão, explica-se por que foram necessários tantos séculos antes que o esclarecimento e a crítica pudessem atingir a plenitude e a pureza, a qual lhes permitiria realmente constituir uma nova era na história da humanidade. Precisamente porque o cristianismo contém uma noção tão abrangente de humanidade é que ele pôde resistir por tanto tempo aos ataques à sua inumanidade. Os ataques foram tão frouxos, tão acanhados, tão capengas – eles ainda agora o são em algumas áreas do esclarecimento nas quais ainda se exalta demais o mandamento cristão do amor universal ao próximo, a lei cristã da liberdade e da igualdade – pois se deixaram impressionar pelo mandamento religioso do amor fraterno, e só com muita dificuldade descobriu-se que exatamente esse mandamento, porque ele é religioso, limita e suprime [aufheben] portanto o amor por meio da fé, engendra o ódio e a sanha persecutória, brandiu a espada e ascendeu as fogueiras. Religiões subordinadas [untergeordnet] puderam sucumbir antes porque os obstáculos que elas opunham ao desenvolvimento da humanidade se fizeram sentir antes, isto é, porque elas eram desde o princípio baseadas em uma concepção limitada da essência humana, e o esclarecimento muito antes as incitava a se tornarem irreligiosas. Mas esse esclarecimento ainda não foi decisivo para a religião em geral, uma vez que derrubou apenas uma barreira determinada, não a barreira, não a limitação a e não-liberdade em geral. Esse esclarecimento também não foi decisivo porque não pôde nem mesmo decifrar [auflösen] a religião determinada, ainda incompleta, de modo que explicasse corretamente o caráter ilusório, a origem e a gênese humana da mesma. Somente o esclarecimento que explica e decifra a ilusão, a religião por excelência, também explicará corretamente a ilusão e, geral e a origem das formas subordinadas da religião.

O próprio cristianismo forneceu uma prova para essa proposição. Para os católicos era mais fácil que para os protestantes libertar-e da tutela religiosa, mas mais difícil e quase impossível decifrar completamente a religião em geral e explicar a sua origem corretamente. A tutela religiosa era mais crua, mais exterior, e portanto no fim das contas também oferecia ao ataque um manejo externo mais cômodo, e pôde /64/ ser mais facilmente descartada ou rejeitada, pois não havia se entranhado até a mais profunda interioridade e ainda não havia abrangido o homem como um todo. Mas ela foi ao mesmo tempo erroneamente explicada, acusada de ser uma fraude mais crua, inequívoca; a verdadeira fonte da religião, a ilusão, o autoengano dos tutelados, aqui

sobreviveu, ao menos conseguiu sobreviver, e o esclarecido que tinha se libertado apenas de uma determinada ilusão, e nem mesmo desta se libertara de verdade, novamente se submete e se equivoca em seu próprio esclarecimento. No protestantismo, em contraposição, a ilusão tornou-se completa e onipotente, pois ela invade homem inteiro, e não o domina a partir do exterior, por meio de seu poder clerical, hierárquico e eclesiástico, mas em seu próprio interior. No protestantismo, o sentimento de dependência enquanto tal e na sua pureza e mais vasta generalidade, isto é, em sua limitação total e absoluta, é elevado a princípio. Aqui onde ele forma a essência do homem, e do homem que não é (ao menos não lhe é permitido ser) qualquer outra coisa além de religioso, por exemplo, político, artista, filósofo, aqui demora mais para que o homem se atreva a atacar sua própria (e até então reconhecida por ele como sua única e verdadeira) essência, e, ao contrário, rejeitá-a e aniquilá-a como sua inessência [*Unwesen*]. Mas quando isso sucede, então sucede fundamentalmente para todos os tempos, para a humanidade inteira, de modo que a questão está resolvida para sempre e nunca mais terá de ser retomada: mas acima de tudo, sucede exatamente que a ilusão religiosa não remonta à mera fraude de uma casta sacerdotal, mas é compreendida sobretudo como a ilusão geral da humanidade.

O protestantismo já fez o máximo que ele podia fazer e o que é sua destinação [*Betimmung*] máxima; ele dissolveu [*auflösen*] a si mesmo e, consigo, ao mesmo tempo a religião em geral. Ele se sacrificou pelo bem da liberdade da humanidade. Ora, o que fez o judaísmo? Ou melhor: no que ele ajuda, se o judeu não dissolve sua lei, mas sim a transgride, e quando sua carência e seu proveito o exigem a declara nula? No que ele ajuda? Para a humanidade não ajuda em nada, mas apenas na satisfação incontida de uma carência limitada e sensível. Quando o protestantismo, e nele o cristianismo, se dissolve, então entra em cena a humanidade livre, plena, a humanidade criativa e desobstruída para criações supremas: quando o judeu transgride a sua lei, um indivíduo ou um certo número de homens pode desembaraçadamente ocupar-se de seus negócios comerciais, comer e beber o que a natureza oferece, queimar uma vela quando escurece, acender fogo, mesmo que seja shabat.

/65/ Havia judeus esclarecidos antes que houvesse protestantes ou mesmo cristãos esclarecidos, pois era mais fácil anular uma lei que está em luta apenas com as carências celestiais do que dissolver um sentimento de dependência cujo domínio está fundado na evolução da natureza humana, e que só podia ser destruído quando o homem tivesse se alçado ao reconhecimento de sua verdadeira essência. É mais fácil satisfazer a

carência sensível, apesar de uma lei considerada divina, do que fundar e implementar uma nova – e sobretudo verdadeira – concepção da essência do homem, a qual está em contradição com o conjunto da visão da humanidade sobre si mesma até aqui, e ter de se meter em uma luta de vida e morte.

O judeu nada dá à humanidade quando se descarta de sua lei limitada: Cristo, quando dissolve sua essência cristã, dá à humanidade tudo o que ela quicá pode receber: ele lhe dá ela mesma; ele a restitui a si mesma após ela ter estado até agora perdida e nunca ter de fato possuído a si mesma. O judeu não pode estar tranquilo e ter uma boa consciência quando ele, à sua maneira, isto é, devido somente a uma questão de carências sensíveis, contorna sua lei divina: a humanidade que se reconquistou após sua perda religiosa tem a consciência tranquila e conquistou apenas sua verdadeira pureza e integridade. Quem em benefício próprio suspende [*aufheben*] uma lei limitada não ganha incremento de forças mediante a luta, pois ela é facilmente terminada: em contrapartida, uma luta que é empreendida contra a não-liberdade em geral e contra o erro primordial devolve à humanidade todos os seus poderes, e com uma elasticidade inelutável que derruba todas as barreiras que até então a cerceavam.

“Não terá sido reconhecido, assim, de vossa parte, o quanto a formação cristã e o próprio esclarecimento cristão devem aos judeus? E também não quereis sequer reconhecer que sua aspiração por liberdade política é grandemente estimulada e apoiada pelo anseio dos judeus por emancipação?”<sup>[5]</sup>

Pode o machado dizer que ele também balança aquele que o balança?

Não é verdade que os judeus teriam tido influência sobre o esclarecimento do século passado ou até mesmo que tenham intervindo criativamente nele. O que eles realizaram nessa área está muito abaixo das realizações dos críticos cristãos, não teve relevância para o desenvolvimento da história e foi apenas o produto de um estímulo que foi transmitido pelo esclarecimento cristão ou pelo esclarecimento anticristão originado de um mundo cristão.

Francamente, ninguém se atreverá a nos acusar de /66/ sermos guiados e determinados por partidarismo pelo cristianismo; tomara também não sejamos atingidos por essas acusações quando negamos que o judaísmo tenha estimulado ou apoiado a aspiração da modernidade por liberdade. De ambos os lados, do judeu e do cristão, um grave erro foi cometido ao se ter separado a questão judaica da questão universal da época, sem levar em conta que não apenas os judeus, mas também nós queremos vir a ser emancipados.

Os judeus só podem almejar a emancipação porque a época como um todo a almeja. Eles serão arrastados pelo impulso geral e pelas aspirações do período. Seria o mais ridículo exagero se se quisesse alegar a sério que os judeus, com seu anseio por emancipação, estimularam e apoiaram uma questão que agitara todo o século XVIII, e que foi tão seriamente discutida e resolvida durante a Revolução Francesa.

Se em todo lugar em que vigora o progresso encontramos o mundo cristão na vanguarda (portanto o cristianismo se revela como o impulso para o progresso), isso não significa por consequência que o cristianismo como tal, o cristianismo por si, desejou e provocou o progresso. Pelo contrário: se efetivamente dependesse dele o progresso seria impossível. Ele incita tão fortemente o progresso apenas porque, isto sim, quer torná-lo simplesmente impossível; é o impulso para o desenvolvimento da verdadeira humanidade pois ele é a pura, a máxima e a mais plena inumanidade. Não foi o cristianismo como tal que libertou os espíritos e arrebatou os grilhões do privilégio e do monopólio no século XVIII, quem o fez foi a humanidade, que no interior do cristianismo estava na vanguarda da civilização, considerando que dentro deste círculo fechado ela tinha se colocado na mais profunda contradição consigo mesma e sua determinação; quem o fez foi a humanidade, que precisou desbancar tudo quando rompeu as barreiras que ela havia se imposto em seu embaraço religioso no cristianismo; os judeus foram arrastados por esse movimento impetuoso, eles são apenas retardatários e não a linha de frente e os guias do progresso, e eles nem sequer estariam onde estão agora se tivessem esperado até que a dissolução de suas normas os colocasse no meio do movimento da cultura moderna. Para se localizarem neste, eles deveriam como que primeiro ser infectados pelo multi-corrosivo veneno da formação anticristã, ou, se assim se queira dizer, do esclarecimento anti-cristão.

O judaísmo e o cristianismo já são em si mesmos, como religião, /67/ uma forma de esclarecimento e crítica, e se sua destinação era dominar a humanidade, também era sua sina sucumbirem a si mesmos, ao esclarecimento que eles continham, libertando em sua queda do esclarecimento que neles estava religiosamente paralisado. Ou em outras palavras: o esclarecimento, o qual eles eram em forma religiosa, os destruiu quando rompeu a forma religiosa para tornar-se esclarecimento racional, real.

Naturalmente, também desta perspectiva o cristianismo estará novamente na vanguarda, já que ele mesmo não é senão o judaísmo que sucumbiu em seu próprio esclarecimento, isto é, a consumação religiosa do esclarecimento o qual o judaísmo continha.

O homem nasce como membro de um povo e está destinado a se tornar um cidadão do Estado ao qual ele pertence por nascimento; mas sua destinação como homem vai além da fronteira do Estado em que nasceu. O esclarecimento, que alça o homem acima do gradil da vida estatal e o divorcia do Estado particular e de todos os diferentes Estados particulares, foi expresso pelo judaísmo na forma religiosa do ódio; todos os estados e povos são ilegítimos perante o Uno, perante Jeová, e não têm o direito de existir. Apenas contra si mesmo, contra um povo, o judaísmo não quis levar a sério esse esclarecimento: ele consente um único povo com existência legítima, instituindo com isto a mais limitada e extravagante vida nacional [*Volksleben*] e estatal.

O cristianismo levou a termo o esclarecimento religioso o qual o judaísmo havia iniciado: também riscou da lista dos povos o povo único ainda restante, sem rodeios declarou-o como o povo rejeitado, suprimiu todas as relações nacionais e estatais e proclamou a liberdade e igualdade de todos os homens.

A proclamação com a qual ele irrompe é portanto a mesma com a qual a obra do esclarecimento moderno (e, simultaneamente, o criador deste, a livre e infinita autoconsciência) anuncia-se ao mundo e declara guerra a todas as barreiras e privilégios. A autoconsciência não é nem o camponês, nem o burguês, nem o nobre; diante dela judeus e pagãos são idênticos; não é só alemã nem só francesa; ela não pode admitir que possa haver algo simplesmente separado dela ou que esteja acima dela; ela é a declaração de guerra e a própria guerra; e por certo, quando ela tiver se consumado em autoconsciência real, é a vitória sobre tudo aquilo que pretende se afirmar como monopólio, como privilégio e exclusivamente para si. Portanto, não lamentais sua violência destrutiva; ela quer e trabalha para aquilo que o cristianismo, pelo qual vós lutais, também queria e apenas executou de modo espúrio, pois o executou em forma religiosa.

/68/ A superação religiosa é sempre superficial, pois as relações que ela dissolve ela não as dissolve a partir de dentro, mediante sua própria dialética e mediante a prova teórica, científica, senão apenas elevando-se acima delas, pura e simplesmente negando-as, e portanto, no fundo, deixando-as ainda existir, e existir assaz inferiormente; e sendo por certo tampouco capaz de se desprender delas, as reestabelece, obviamente em uma forma extravagante. Ela é a sublevação [*Erhebung*] etérea, no fantástico, e, por conseguinte, é o reflexo fantástico daquilo por sobre o que se acredita superior. Assim é restaurada a relação conjugal que o cristianismo dissolve, enquanto o casamento da paróquia com seu Senhor, ou na relação da noiva celestial com o céu, ou na devoção do

monge à virgem celestial e da freira ao noivo celestial a quem está prometida. As diferenças estamentais em seguida renascem nos estamentos dos que são meramente escolhidos, os eleitos, e daqueles que estão danados em virtude dos desígnios inescrutáveis e arbitrários do Altíssimo: tanto os estamentos religiosos quanto os políticos baseiam-se na natureza, mas apenas numa natureza quimérica. O Estado, mais precisamente o Estado despótico, reaparece no rebanho que está submetido mansamente ao seu único senhor; inclusive a oposição entre estados e impérios reaparece na oposição em que se encontra o reino celestial e o reino deste mundo, os príncipes se digladiam em batalhas quando o príncipe celestial e o príncipe deste mundo combatem incessantemente e em todos os lugares, e o ódio e hostilidade dos povos são reacendidos quando o rebanho de ovelhas e o tropel de bodes se chocam, o lado esquerdo e o direito devem considerar-se como a pura oposição, confrontar e se opor um ao outro como absolutamente estranhos.

A religião é a contradição de que ela tem de negar tudo o que sua vontade intenta, tem de agarrar-se quiméricamente àquilo que quer negar e tem de renunciar àquilo que promete dar. Ela nega as diferenças naturais dos estamentos e dos povos e as torna apenas fantasiosas, ela nega os privilégios e restabelece-os na dominação exclusiva do Uno e da prerrogativa dos eleitos arbitrariamente, ela nega o pecado e abarca tudo sob o pecado, ela redime do pecado e torna todos os homens pecadores, ela quer dar liberdade e igualdade e falha, estatuinto sim uma economia da desigualdade e não-liberdade.

Ela não pode efetivamente superar aquilo que quer negar, pois se volta contra isto não com a autoconsciência efetiva, mas sim com uma vontade precipitada, exaltada, portanto impotente, e com a fantasia. /68/ Ela não pode efetivamente dar o que promete, pois só quer dar mas não quer elaborar, conquistar. Igualdade e liberdade apenas dadas, e não elaboradas, são a própria desigualdade e não-liberdade, pois elas não superam o privilégio e a servidão por meio do trabalho, por meio da luta efetiva – antes, deixam-nas persistir.

A religião consumada sucumbe a essa contradição. Ela aguça o anseio por igualdade, o qual quer campear contra os privilégios, mas ao não conceder a batalha não o aplaca, e antes, pelo contrário, torna imortal e divino o inimigo da igualdade. Ela quer proporcionar liberdade, mas não somente não a proporciona como, isto sim, proporciona as correntes da escravidão.

O que ela quer e o que ela aguça, porém, é o desejo da humanidade e o objeto de seu anseio. Assim, a religião deve sucumbir em seu próprio desejo quando este desejo finalmente for realizado. A realização de seu desejo é porém o esclarecimento, a crítica, a autoconsciência liberta, que não foge como a religião, não se eleva no reflexo fantástico desse mundo, mas sim vai desbravando o mundo e efetivamente leva a cabo a luta contra as barreiras e privilégios.

O cristianismo é aquela religião que mais – aliás tudo – prometeu à humanidade, mas é também a que mais – aliás novamente em tudo – falhou. É, por conseguinte, o berço da suprema liberdade, assim como foi o poder da maior servidão. Sua dissolução pela da crítica, isto é, a dissolução de suas contradições, é o nascimento da liberdade e mesmo o primeiro ato desta liberdade suprema que a humanidade conquista, teve de conquistar e só pôde conquistar na luta contra a consumação da religião.

O cristianismo está, por conseguinte, muito acima do judaísmo, o cristão muito acima do judeu, e sua capacidade de se tornar livre é muito maior do que a do judeu, dado que, no ponto de vista em que ele se encontra enquanto cristão, a humanidade já chegou ao o ponto em que uma revolução drástica curará todos os danos que a religião causou, e a elasticidade da força que essa revolução comanda é infinita.

O judeu encontra-se muito abaixo deste ponto de vista, e portanto muito abaixo dessa possibilidade de liberdade e de uma revolução que decida o destino [*Geschick*] de toda a humanidade, pois sua religião não é por si mesma importante para a história e não pode intervir na história mundial, ao contrário, apenas por meio de sua dissolução e consumação no cristianismo poderá tornar-se prática e histórico-mundial.

/70/ O judeu quer se tornar livre: disso porém não decorre que deve se tornar cristão para se aproximar da possibilidade de liberdade. Ambos, Judeus e cristãos, são servos e serviçais, e quando o esclarecimento atinou que o judaísmo, tal como o cristianismo, é a servidão do espírito, já era tarde demais: então a imaginação e a autoilusão de que os judeus poderiam se tornar homens livres e cidadãos do Estado mediante o batismo não é mais possível, no mínimo ela não pode mais ser sincera. Ele apenas troca uma condição privilegiada por outra, uma mais associada a chateação [*Placckerei*] por uma outra que parece mais vantajosa, mas que não pode proporcionar-lhe liberdade e direitos estatais pois o próprio Estado cristão não os conhece. A grande vantagem associada à condição do cristão pode impelir muitos judeus a usarem o batismo para tornar mais vantajosa sua posição no Estado cristão; mas o batismo não os

torna livres, e se todos os judeus professassem o credo cristão, o poder do cristianismo não teria com isso aumentado.

É tarde demais. O cristianismo não fará mais, nem remotamente, conquistas que possam ser declaradas importantes e significativas. A época das conquistas histórico-mundiais que aquistaram para ele povos inteiros se foi para sempre, pois ele perdeu sua fé em si mesmo e cumpriu completamente sua tarefa histórica.

Se quiserem se tornar livres, os judeus não devem confessar o cristianismo, mas ao cristianismo dissolvido, a religião dissolvida em geral, isto é, o esclarecimento, a crítica e seu resultado, a humanidade livre.

O movimento histórico que reconhecerá a dissolução do cristianismo e da religião em geral como um fato consumado e que assegurará à humanidade a vitória sobre a religião não pode mais tardar, já que a autoconsciência da liberdade, que subtraiu-se a todas as condições existentes, está em total contradição com as mesmas, e as medidas canhestras e impotentes tomadas por parte do existente contra ela apenas lhe granjeiam novas vitórias e conquistas.

Os povos que se colocarão na vanguarda deste movimento levarão aos outros povos e continentes ainda mantidos aprisionados não mais o evangelho do Uno, o qual decidiu que todos os homens estavam em pecado, mas sim a mensagem da humanidade e do humano liberto. Os círculos e povos que não se juntarem a este movimento e não quiserem adotar a fé na humanidade /71/ punirão a si mesmos, ver-se-ão em breve desbancados, postos para fora da história e colocados ao nível dos bárbaros e párias.

Se isso acontece à madeira verde, o que acontecerá à seca?<sup>[6]</sup> Se o futuro dos cristãos que querem permanecer no cristianismo, e portanto também serão eternamente ultrapassados pelo desenvolvimento da humanidade, é por natureza tão sombrio, o que será do futuro dos judeus que ainda permanecem e querem permanecer em um ponto de vista ainda subordinado?

Eles mesmos observarão: eles determinarão seu próprio destino; mas a história não permite que gozem dela. O dever do cristão é reconhecer sinceramente o resultado do desenvolvimento do cristianismo, a dissolução do mesmo e a sublevação do homem sobre o cristão, isto é, deixar de ser cristão para se tornar homem e livre. O judeu, em contrapartida, deve sacrificar o privilégio quimérico de sua nacionalidade, sua lei fantasiosa sem fundamento, à humanidade e ao resultado do desenvolvimento e dissolução do cristianismo – por mais difícil que lhe seja o sacrifício, pois ele tem de renunciar completamente a si e negar o judeu. Ele não precisa mais desmentir que está

sacrificando sua religião por outra. Mas o que ele tem de fazer é mais, e mais difícil do que trocar uma religião por outra.

O cristão e o judeu devem romper com todo seu ser: mas esta ruptura está mais próxima do cristão, uma vez que ela deriva imediatamente do desenvolvimento de seu ser anterior como sua tarefa; o judeu, em comparação, tem que romper não apenas com seu ser judaico, mas também com o desenvolvimento da consumação de sua religião, com um desenvolvimento que lhe permaneceu alheio e para o qual ele nada contribuiu, assim como ele também não promoveu nem reconheceu a consumação de sua religião como judeu. O cristão tem apenas um passo para dar, a saber, suplantando sua religião para abandonar completamente a religião em geral; o judeu tem mais dificuldades quando quer se alçar à liberdade.

Perante o homem, porém, nada é impossível.

---

<sup>1</sup> *Befreiungskriege* (1813-1815). Entre 1794 e 1814 partes da atual Alemanha foram ocupadas pela França sob Napoleão. Após a derrota de Napoleão na Rússia, em 1812, forma-se uma coalização militar contra a França, incluindo Rússia, Prússia, Áustria, Grã-Bretanha, entre outros. Entre as dezenas de batalhas ocorridas neste contexto destaca-se, por exemplo, a derrota decisiva sofrida pelo exército napoleônico em 1813 na chamada Batalha das Nações, em Leipzig.

<sup>2</sup> Trata-se do “sábado” judaico, o dia do descanso/inatividade, que começa com o pôr-do-sol de sexta-feira e termina no pôr-do-sol de sábado. A religião judaica prescreve aos seus a proibição da execução de determinadas tarefas, operações e atos neste período, incluindo algumas dezenas de casos particulares expressamente codificados na *Torá* bem como, por analogia, qualquer trabalho que opere pelo mesmo princípio ou tenha o mesmo objetivo que algum daqueles, resultando assim em um conjunto extensivo e complexo de restrições. Dada a especificidade do termo, optou-se por mantê-lo no original, conforme sua transliteração em português por *shabat* – assim como faz Bauer ao utilizar uma variante da grafia em alemão – *Sabbath*.

<sup>3</sup> Conforme os contextos em que o termo reaparece no texto, salvo indicação em contrário, Bauer emprega-o sobretudo em sua acepção figurada depreciativa, como dissimulação, distorção, fingimento, hipocrisia, e não tanto em referência à doutrina ou ao significado histórico da ordem; além deste sentido figurado, a tese de que fins alegadamente nobres justificam meios reprováveis e indignos, que remonta aos jesuítas, é uma dimensão que parece também estar subjacente em alguns momentos. Os jesuítas eram conhecidos por sua minuciosa educação em teologia, o que lhes permitia fazer discursos sutis e manejar as palavras a fim de argumentar engenhosamente em favor de absurdidades. Membros da ordem se envolviam com a política, e para cumprir missões secretas utilizavam vestimenta civil e fingiam ser partidários dos seus inimigos para penetrar nas suas fileiras. Esta flexibilidade moral e propensão para a carreira política levavam a que se acusasse os jesuítas de hipocrisia e dubiedade. A personagem literária da comédia de Molière, *Tartufo* (1664), com sua perversidade e corrupção dissimuladas hipocritamente é considerada uma personificação do “jesuitismo”. (cf. <http://pt.humanipedia.org/index.php/Jesuitismo>).

<sup>4</sup> “Eis as questões dignas dos grandes mestres, dos mestres iluminados, como dizem eles, os quais, ao tratar desses argumentos, se agitam e tomam fôlego /.../ Ter-se-ia Deus unido pessoalmente a uma mulher, ao diabo, a um burro, a uma abóbora, a uma pedra?” Erasmo de Rotterdam. *Elogio da loucura*. Tradução de Paulo M. Oliveira. São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 102.

<sup>5</sup> As aspas aqui não remetem a qualquer fonte específica, mas indicam que se trata de uma pergunta retórica, uma interpelação dirigida ao autor por um leitor imaginário.

<sup>6</sup> A frase pertence ao Evangelho de Lucas (23,31). Jesus fora preso e está a caminho do local onde será crucificado. A cena descreve mulheres que o acompanham, chorando e lamentando; Jesus então diz a elas que não chorem por ele, mas sim por elas mesmas e por seus filhos, pois virá um tempo tão penoso pela frente que será preferível não ter gerado filhos. A cena é arrematada com o citado provérbio. Jesus dirige-

se às mulheres como “filhas de Jerusalém”, indicando que seriam judias. Uma interpretação da passagem pode ser a seguinte maneira: Jesus seria representado pela madeira verde (que contém a seiva viva, e que é difícil de incendiar) e Israel seria a madeira seca (morta e fácil de destruir pelo fogo). Se o próprio Jesus sofreu assim nas mãos dos romanos, imagine o que aconteceria aos demais, o que os romanos fariam a Jerusalém, cuja queda se daria no ano 70 d.C, de modo extremamente violento e com os mortos na casa de centenas de milhares de judeus, conforme narrado pelo historiador Flávio Josefo em sua obra *Guerra dos Judeus*, publicada entre 76 e 79 d.C. Atualmente considera-se que o Evangelho de Lucas foi escrito após a queda de Jerusalém, entre 75 e 100 d.C.

*Recebido em: 21/01/2019*

*Aprovado em: 25/09/2019*